

REVISTA



ECOS

**LITERATURAS, LINGUÍSTICAS,
HISTÓRIAS E CULTURAS**

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso


UNEMAT
EDITORA


EPLIT
Centro de Pesquisa
em Literatura


CEPEL
Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura

Editores/Organizadores

Agnaldo Rodrigues da Silva
Taisir Mahmudo Karim

Projeto Gráfico (impresa)

Ricelli Justino dos Reis

Copyright © 2015 / Unemat Editora
Impresso no Brasil - 2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Coordenadoria de Bibliotecas
UNEMAT - Cáceres

ISSN: 2316-3933 (*Online*)

ISSN: 1806-0331 (*Impressa*)

Revista ECOS. Literaturas e Linguísticas.

Editores/Organizadores: Agnaldo Rodrigues da Silva / Taisir Mahmudo Karim (Revista do Centro de Pesquisa em Literatura e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários). Cáceres-MT : Unemat Editora, 2016.

249 p.

1. Literatura 2. Linguística

Semestral (Ref.: Jul 2015 - Dez 2015). Vol. 19, ano 12, n. 2 (2015)

CDU: 81

Índices para catálogo sistemático

1. Literatura - 82

2. Linguística - 81



REVISTA ECOS - Grupo de pesquisa em estudos da Arte e da Literatura comparada - Centro de Pesquisa em Literatura / Programa de Pós-graduação em Estudos Literários
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavallhada - Cáceres MT - Brasil - 78200000
Tel: 65 3221-0023 - revistaecos.unemat@gmail.com



UNEMAT Editora
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavallhada - Cáceres - MT - Brasil - 78200000
Fone/Fax 65 3221-0023 - www.unemat.br - editora@unemat.br

Todos os Direitos Reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

| | |
|---|----------------------------|
| Reitora | Ana Maria Di Renzo |
| Vice-Reitor | Ariel Lopes Torres |
| Pró-Reitoria de Ensino de Graduação | Vera Lúcia da Rocha Maquêa |
| Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação | Rodrigo Bruno Zanin |
| Pró-Reitoria de Extensão e Cultura | Alexandre Gonçalves Porto |
| Pró-Reitoria de Gestão Financeira | Ezequiel Nunes Pacheco |
| Pró-Reitor de Planejamento e Tecnologia da Informação | Francisco Lledo dos Santos |
| Pró-Reitoria de Administração | Valter Gustavo Danzer |
| Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis | Anderson Marque do Amaral |

CENTRO DE PESQUISA EM LITERATURA Agnaldo Rodrigues da Silva

CONSELHO EDITORIAL/REVISTA ECOS

Agnaldo Rodrigues da Silva - UNEMAT (Presidente)
Elza Assumpção Miné - USP
Inocência Mata – Universidade de Lisboa/Portugal
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique
Manoel Mourivaldo Santiago Almeida – USP
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP
Maria Fernanda Antunes de Abreu – Universidade Nova de Lisboa/Portugal
Mônica Graciela Zoppi Fontana - UNICAMP
Roberto Leiser Baronas - UFSCar
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT
Tânia Celestino de Macedo – USP
Valdir Heitor Barzotto – USP

CONSELHO TEMÁTICO CONSULTIVO

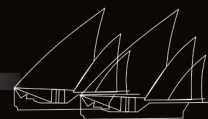
Agnaldo José Gonçalves – UNESP
Águeda Aparecida Cruz Borges - UFMT
Ana Antônia de A. Peterson - UFMT
Ana Maria Di Renzo –UNEMAT
Benjamin Abdala Junior –USP
Célia Maria Domingues da Rocha Reis - UFMT
Eduardo Guimarães - UNICAMP
Elizete Dall'Comune Hunhoff - UNEMAT
Elza Assumpção Miné - USP
Isaac Newton Almeida Ramos - UNEMAT
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique
José Carlos Paes de Almeida Filho - UNICAMP
Liliane Batista Barros - UFPA
Luiz Francisco Dias - UFMG
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP
Mário César Leite - UFMT
Mônica Graciela Zoppi Fontana – UNICAMP
Nelly Novaes Coelho - USP
Rita de Cássia Natal Chaves - USP
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT
Tânia Celestino de Macedo – USP
Valdir Heitor Barzotto – USP
Vera Lúcia da Rocha Maquêa - UNEMAT
Yasmin Jamil Nadaf - Academia Mato-Grossense de Letras
Walnice de Matos Vilalva – UNEMAT

REVISTA



ECCOS

LITERATURA



ESTUDO DO CONTO *MEU TIO O IAUARETÊ*, DE
GUIMARÃES ROSA

A STUDY ON THE SHORT STORY *MEU TIO O IAUARETÊ*,
BY GUIMARÃES ROSA

Elizandra Hoffmann¹

Lucimaira da Silva Ferreira²

Marilza Garcia Gomes³

Aginaldo Rodrigues da Silva⁴

Período de recebimento dos textos: 01/06/2015 a 30/09/2015

Data de aceite: 30/10/2015

Resumo: Este artigo fará um estudo sobre o conto *Meu tio o Iauaretê*, de Guimarães Rosa, a fim de discutir questões relacionadas ao mestiço brasileiro, filho de índia com homem branco, decifrando a trajetória que segue dos confins mineiros até a morte. Nessa direção, torna-se importante analisar o narrador, o espaço, o tempo, bem como os elementos linguísticos utilizados na construção narrativa, a fim de compreender a contística produzida por esse notável escritor brasileiro.

Palavras chaves: Contística Brasileira; Guimarães Rosa; *Meu Tio o Iauaretê*; Categorias Narrativas.

Abstract: This article will make a study on the short story *Meu tio o Iauaretê*, by Guimarães Rosa, to discuss some issues related to the Brazilian mestizo, a child of an indigenous woman with a white man, deciphering the trajectory from the limits of Minas Gerais until the death. In this sense, it is important to analyze the narrator, space, time, as well as the linguistic elements used in the narrative construction, in order to understand the short story produced by this remarkable Brazilian writer.

Keywords: Brazilian Short Story; Guimarães Rosa; *Meu Tio o Iauaretê*; Narrative Categories.

-
- 1 Grupo de Pesquisa em Estudos da Arte e da Literatura Comparada – UNEMAT/CNPq.
 - 2 Professora da Educação Básica. Integrante do Grupo de Pesquisa em Estudos da Arte e da Literatura Comparada – UNEMAT/CNPq.
 - 3 Professora da Educação Básica. Integrante do Grupo de Pesquisa em Estudos da Arte e da Literatura Comparada – UNEMAT/CNPq.
 - 4 Doutor em Letras/Literatura pela USP e professor da Universidade do Estado de Mato Grosso.

Meu tio o Iauaretê, de Guimarães Rosa, foi publicado inicialmente em 1961, e posteriormente incluído na coletânea *Estas estórias*, organizada pelo próprio autor, conservando marcas de sua indecisão, sobretudo em relação a algumas escolhas linguísticas. Apontam como possíveis causas da demora da publicação a dificuldade em escolher palavras que se encaixassem com perfeição no conto, pois Finazzi-Agró (2001, p. 128) destaca que

a causa foi, a meu ver, sobretudo a dificuldade em encontrar uma linguagem adequada ao assunto: no incessante trabalho de elaboração e de revisão lingüística das suas obras, o escritor possivelmente, não ficou satisfeito com uma expressão que, apesar de ser das mais ‘trabalhadas’ dentro da sua inacabável procura expressiva, não chegou talvez, na sua opinião, à altura de dar conta da longa vertigem que o seu conto originava ou de que seu conto se originava.

O conto (também considerada novela pequena) trata de um mestiço, filho de índia com homem branco, enviado aos confins mineiros para desonçar sozinho aquela região. Porém, esse contato com as onças e a solidão acaba por fazer com que gradativamente ele rejeite o mundo civilizado e se reconheça no mundo animal. Após essa rejeição ao civilizado, o narrador-protagonista metamorfoseia-se em onça, de modo que segue de um processo de *desonçador* à *desgentador*.

Observemos que o nome do conto indica uma proposição linguística interessante, pois *Meu tio o Iauaretê* é um título composto por palavras em português e tupi. “O meu tio” em tupi significa pai, visto que “tio irmão” da mãe é considerado pai. “Iauaretê” é uma composição do tupi que, segundo Galvão (1978, p. 19), é “decomposto, o vocábulo dá *iauara* + *etê*, ou seja, onça verdadeira, a onça legítima”. Dessa forma, “meu tio o Iauaretê” é uma frase que significa “filho legítimo de onça” ou “pai onça verdadeira”. “Mas eu sou onça. Jaguarê tio meu irmão dá minha mãe, tutira... Meus parentes! Meus parentes!...” (ROSA, 2012, p.216).

O conto está produzido em forma de monólogo-diálogo, cujos acontecimentos situam-se em um rancho sem paredes (sem delimitações de espaço físico), situado no centro sombrio do selvagem sertão. Nele, o protagonista, em uma noite de muita cachaça, conta ao visitante as razões pelas quais um *desonçador* transforma-se lentamente em um *desgentador*; sendo ele agora onça, parente e amante dela, revela nessas confissões uma incidência de metamorfose, que acarreta sua morte por um disparo de arma de fogo, deflagrado pelo visitante.

A história não tem um desenvolvimento linear, seja no receio do protagonista em revelar sua metamorfose, os assassinatos e canibalismo, ou pela natureza coloquial do conto que, segundo Finazzi-Agró (2001), “se constrói devagar, seguindo as sinuosidades da memória e as estratégias da exposição oral, provocada por perguntas inaudíveis do interlocutor”. Nesse conto, o narrador-protagonista faz uso de uma linguagem cheia de desvios, construindo uma língua

própria, uma mistura de Português, Tupi e Jaguanhêném. Para Finazzi-Agró (Ibidem, p. 129),

O que e certo é que nos embrenhamos na leitura, acompanhando a voz cambaleante e, e muitas vezes, incompreensível do narrador - feita burburinho rosnante ou cerrado de palavras heterogêneas e misteriosas, muitas delas de origem índia... 'Meu tio o Iauaretê', é uma queda sem salvação dentro da Voz; é portanto, uma *invocação* o apelo fascinante e terrível do fundamento, de uma Origem que se esconde nas profundezas caóticas da natureza, lá onde as espécies, as raças, as línguas se misturam num todo inextricável, numa *Wilderness* indevassável (grifos do autor).

Percebe-se que o narrador protagonista liberta-se de tudo que venha do mundo civilizado, abrindo mão inclusive dos nomes que recebeu no decorrer da sua vida: Bacuriquirepa, Antonho Eiesús e Macuncozo, conforme constata-se em “ah, eu tenho nome. Nome meu minha mãe pôs: Bacuriquirepa. Breó, Beró, também. Pai meu me levou pra missionário. Batizou, batizou. Nome de Tônico; bonito. Será? Antonho de Eiesús... Depois me chamaram de macuncôzo... Agora, não tenho nome nenhum, não careço.” (ROSA, 2012, p.215). Nessa direção, o esvaziamento de sentido dos nomes é perceptível pela constante substituição, de modo que para atingir a identidade tribal/animal a personagem tornou-se um ser sem nomes, esvaziado da experiência cultural.

O onceiro deixa de desejar mulheres e passa amar a onça Maria-Maria; Maria-Maria é um homônimo de sua mãe Mar'Iara Maria, alusão às duas figuras mitológicas: Iara, mãe d'água; e Maria, mãe de Cristo. Os fragmentos a seguir, revelam os aspectos indicados nesta discussão: “antes, de primeiro, eu gostava de gente. Agora gosto é só de onça. Eu apreço o bafo delas” (Ibidem, p. 209); “Ã-hã Maria-Maria é bonita, mecê devia de ver! Bonita mais do que alguma mulher. Ela cheira à flor de pau-d'alho na chuva.” (Idem).

Quando o protagonista passa a *desgentar*, ele conta de forma sinuosa suas aventuras, primeiramente como matava onças e como as pessoas ao seu redor morriam de “doenças” inexplicáveis, até o dia em que ele conheceu Maria-Maria e se apaixonou por ela. A partir de então, já não podia matar onças, visto que elas eram parentes dele. Arrependido de ter matado tantas onças, assume seu papel animal. Movido pela cachaça, começa suavemente a mudar seu discurso e a recontar as histórias anteriormente contadas sobre as mortes humanas, assumindo os assassinatos e o seu canibalismo. Vejamos como dá-se o processo de metamorfose do protagonista:

1º - matar onças:

Hui! Atiê! Atimbora! Mecê não pode falar que eu matei onça, mato não. É feio-que eu matei. Onça meu parente. Matei montão. (p. 195)

[...]

Trepei num pau, na beira do rio, matei a tiro. (p. 197)

[...]

Ce quer saber de onça? Eh, eh, elas morrem com uma raiva, tão falando o que a gente não fala... num dia só, cacei três. (ROSA, 2012, p.198)

2º - arrepender-se:

Também, eu nesse tempo eu já tava triste, triste, eu aqui sozinho, eu nhum, e o mais triste e caipora de ter matado onças, eu tava até amorviado. (p.219)

[...]

Eu não devia? Aa, eu sei, no começo eu não devia. Onça é povo meu, meus parentes. (Idem)

[...]

Podia matar onça nenhuma não, onça parente meu, tava triste de ter matado. Tava com medo, por ter matado nenhum? Ai, ai gente. (p.222)

3º - metamorfose e começa a *desgentar*:

Fiquei com vontade... Vontade dôida de virar onça, eu, eu, onça grande. Sair de onça, no escurinho da madrugada... tava urrando calado dentro de mim... Eu tava com as unhas... Tinha soroca sem dono, de jagaretê-pinima que eu matei; saí pra lá. Cheiro dela inda tava forte. Deitei no chão... Eh, fivo frio, frio. Frio vai saindo de todo mato em roda, saindo da parte do rancho... Eu arrupêi. Frio que não tem outro, frio nenhum tanto assim. Que eu podia tremer, de despedaçar... Aí eu tinha câimbra no corpo todo, sacudindo; dei acesso. (p.222)

Eh, agora ce sabe; será? Hã-hã. Nhem? Aa, pois eu sai caminhando de mão no chão, fui indo. Deu em mim uma raiva grande, vontade de matar tudo, cortar na unha, no dente... Urrei. Eh, eu – esturrei! No outro dia, cavalo meu, que eu trouxe, me deram, cavalo tava estraçalhado meio comido, morto, eu’ manheci todo breado de sangue seco... (p.223 e 224)

Mas ele veio, chegou na beira da pirambeira, na beirinha, debruçou espiando pra baixo. Empurrei! Empurrei, foi so um tiquinho, nem não foi com força: geralista seo Riopôro despencou no ar... Apê! Nhem-nhem o que? Matei, eu matei? A’ pois matei não. ele inda tava vivo, quando caiu lá em baixo, quando onça Porreteira começou a comer (ROSA, 2012, p. 224).

Quanto mais a personagem bebia, mais ele contava suas histórias, mantendo sempre o visitante ocupado até dar sinais de metamorfose; diante disso, o visitante atirou. Em “Hé... Aar-rrâ... Aaâh... cê me arrhoôu... Remuaci... Rêiucaàanacê... Araaã... Uhm... Ui... Ui... Uh... uh... êêêê... êê... ê... ê...”(Ibidem, p.235), observa-se o pedido de piedade do protagonista que prevê seu destino cruel. O uso de “Remuaci” e “Rêiucaàanacê” comprovam isso, pois as duas palavras significam “amigo” ou “meio irmão”; ele também retoma o uso do seu nome africano “Macuncôzo”, com intuito de se aproximar e conseguir clemência do interlocutor.

O visitante vendo o mestiço em estado de metamorfose felina, dispara a arma de fogo. O protagonista é morto com um tiro silencioso e agônico, e assim

encerra o conto escrito com a presença de sons, com palavras em português, tupi e grunhidos de animais. Essa evolução indica apagamento da cultura indígena, silenciada pela morte cultural causada pela metamorfose da personagem.

Outra questão a ser observada é a presença do mito no conto, tal como, por exemplo, do fogo, que segundo o conto dos índios kayapó, intitulado “O Fogo da Onça”, publicado por Horace Banner, em seu trabalho *Mitos dos Índios Kayapó*, onde temos o seguinte enredo: um índio é abandonado na floresta pelo cunhado, foi adotado pela onça, que lhe ensinou a manusear arco e flecha, e também a comer carne moqueada. A mulher da onça, uma índia, não gostou do menino e o nomeou de me-on-kra-tum (filho alheio ou abandonado). Não contente com os maus tratos da mulher ao menino, a onça deu-lhe um arco e flecha e ensinou a manuseá-los. Então falou ao menino que atirasse na madrasta, caso ela insistisse em maltratá-lo. E assim o indiozinho fez, cravou uma flecha no peito da mulher e amedrontado resolveu fugir rumo ao seu antigo, levando com ele as armas e um pedaço de carne assada.

Posteriormente, em sua aldeia Botoque, ele contou a todos o que acontecera e distribuiu-lhes carne assada; e, após reunir o povo da aldeia, foram todos até o covil da onça. Chegando lá, estava tudo como de costume, a onça já havia saído para caçar, porém, não encontraram nem sinal da morta e a caça do dia anterior estava toda crua por não ter quem a moqueasse. Os índios ficaram maravilhados com o fogo e trataram de assar toda carne que encontravam; eram tantos índios que conseguiram carregar o tronco todo, sem deixar cair se quer uma brasa. Para onça nada restou, além do brilho nos olhos e apenas o pássaro azulão que apanhou um pedacinho de brasa, com o qual ele aqueceu seu ninho; em consequência ao roubo e à traição, a onça passou a caçar com os próprios dentes e a comer carne crua e até hoje odeia os humanos.

Em *Meu tio o Iauaretê*, o mito faz-se presente na rejeição ao mundo cozido, acompanhado da volta ao cru, ao animal. Sendo assim, o fogo que é sinal de bem estar sugere também destruição, funcionando no texto como um dos principais elementos desencadeadores da ruptura do mundo civilizado com a identidade “selvagem” (primária).

Além do conto citado acima, dos índios Kayapó, há outros que atribuem à onça o papel de senhor do fogo. Em Guimarães Rosa, temos o fogo no início da narrativa, pois o visitante só encontra o protagonista pelo foguinho que ele mantém aceso no rancho, naquele sertão: “mecê enxergou este foguinho meu, de longe? È . A’ pois. Mecê entra, pode ficar aqui.” (p.191). O fogo está presente também quando ele passa a ser onzeiro, tendo em vista que não quer fazer uso de arma de fogo para matar gente: “no Socó-Boi , aquele Pedro Pampolino queria, encomendou: pra eu matar o outro homem, por ajuste. Quis não”; Com fogo, ameaça queimar a cabana: “ixe, quando eu mudar embora daqui, toco fogo em rancho: pra ninguém mais poder não morar” (p.194); no fogo simbólico proporcionado pela cachaça, o protagonista sente-se estimulado a cantar sobre sua saga: “sei fazer, eu faço: faço de cajú, de fruta do mato, do milho. Mas não

e bom, não. Tem esse fogo bom-bonito não” (p. 192); por fim, a morte do protagonista por um disparo de arma de fogo.

Lembremos que o fogo foi uma das maiores descobertas da humanidade, pois mostrou a superioridade do homem sobre os animais. Ao longo da história humana (e imaginária), o fogo foi usado para proteger e punir, tal como o roubo do fogo feito por Prometeu na antiga Ática; o fogo que também aparece como tributo a Jeová, sendo usado em forma de uma espada que girava em torno do jardim do Éden, para impedir que Adão e Eva retornassem ao lugar.

Portanto, o conto de Guimarães Rosa constrói uma representação da tentativa do índio na busca incessante pela sobrevivência em nosso país, frente à evolução (o fogo) que trouxe melhorias e, ao mesmo tempo, sua aniquilação através pelo desbravamento de matas em busca da modernização das civilizações. Instigante, assim como as outras narrativas roseanas, *Meu tio o Iauaretê* é uma rica fonte de estudos culturais voltados ao regionalismo, colocando em evidência a diversidade cultural do país pela criação literária.

Referências

FINAZZI-AGRÓ, Ettore. **Um lugar do tamanho do mundo**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **O impossível retorno: Mitológica rosiana**. São Paulo: Atica, 1978, p 13-35.

GUIMARÃES ROSA, João. “Meu tio o Iauaretê”. In: **Estas Estórias**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 191-235

SANTOS, Luzia Aparecida Oliva dos. **O percurso da indianidade na literatura brasileira: matizes da figuração**, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. (p.330-342)

BARBOSA, Pe. A. Lemos. **Pequeno vocabulário tupi-português**. Rio de Janeiro: São José, 1967.

CAMPOS, Haroldo. “A linguagem do Iauaretê”. In: **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

SIMÕES, Irene Gilberto. **Guimarães Rosa: as paragens mágicas**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

Webgrafia

MARQUES, Davina. **Devir em “Meu tio o Iauaretê”**: um diálogo Deleuze-Rosa. UNICAMP, Campinas-SP. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/sem14pdf/sm14ss04_07.pdf> Acesso em 15 de maio.2012.

LOPES, Davina. Carlos Alberto Gonçalves. **A estilística da repetição no Iauaretê (i)**. UNEB. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/8\(24\)02.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/8(24)02.htm)> Acesso em 15 de maio. 2012.

PERINI, Ruy. **A fala do Iauaretê: A oralidade na escrita de Guimarães Rosa**. UFES – BRASIL. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero30/afalagm.html>> Acesso em 15 de maio. 2012.